

Do silenciamento ao florescimento: a relevância de Compiuta Donzella para a desconstrução do estereótipo da mulher medieval

From silencing to flourishing:
the relevance of the Compiuta Donzella for the
deconstruction the stereotype of the medieval woman

Isabella Ferreira Passos

Licenciada em História
Universidade de Pernambuco (UPE)
isbellapassos28@gmail.com

Luciano José Vianna

Doutor em Culturas en contacto en el Mediterráneo
Universitat Autònoma de Barcelona (UAB)
Professor Livre Docente/Associado de História Medieval do Colegiado de História
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas
Interdisciplinares (PPGFPI)
Universidade de Pernambuco (UPE)
luciano.vianna@upe.br

Recebido: 13/01/2026

Aprovado: 17/04/2026

Resumo: Neste artigo discutimos a importância das trovadoras medievais diante da necessidade de construir um Medievo que vá além do estereótipo de sociedade masculina, patriarcal e guerreira, através da recuperação de seus textos e dos espaços por elas ocupados, utilizando como exemplo o soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* e a figura de Compiuta Donzella, personagem pouco trabalhada nas pesquisas acadêmicas brasileiras sobre História Medieval. Adotamos como procedimentos metodológicos a análise contextual e textual de Antônio Celso Ferreira (2009) e a “lógica social do texto” de Gabrielle Spiegel (1990), assim como a problematização dos conceitos de “representação” de Roger Chartier (1990) e “gênero” de Christiane Klapisch-Zuber (1992, 2002). Destacamos o processo de silenciamento, exclusão e desautorização das vozes femininas, bem como a relevância das obras das *trobairitz* na desconstrução da falsa imagem da mulher medieval como submissa, iletrada e silenciosa.

Palavras-chave: Literatura medieval italiana; Trovadoras medievais; Compiuta Donzella.

Abstract: In this article we discuss the importance of medieval women troubadours in light of the need to construct a Middle Ages that goes beyond the stereotype of a male, patriarchal, and warrior society, through the recovery of their texts and the spaces they occupied. As an example, it uses the sonnet *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* and the figure of Compiuta Donzella, character that has

received little attention in Brazilian academic research on Medieval History. The methodological procedures that we adopted include contextual and textual analysis by Antônio Celso Ferreira (2009), and Gabrielle Spiegel's "social logic of the text" (1990), and also the discussion of the concepts of "representation" by Roger Chartier (1990) and "gender" by Christiane Klapisch-Zuber (1992, 2002). We expose the process of silencing, exclusion, and disempowerment of female voices, as well as the relevance of the works of *trovairitz* in deconstructing the false image of the medieval woman as submissive, illiterate, and silent.

Keywords: Italian medieval literature; Women troubadours; Compiuta Donzella.

Introdução

Ca lo mio padre m'ha messa 'n er[r]ore,
e tenemi sovente in forte doglia:
donar mi vole a mia forza segnore,

ed io di ciò non ho disio né voglia,
e 'n gran tormento vivo a tutte l'ore;
però non mi ralegra fior né foglia.¹
(Cherobin; Guerini, 2022, p.60).

É neste tom de melancolia e sofrimento que se findam os tercetos do soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fïora*, transcrito no manuscrito do Cancioneiro Vaticano Latino de código 3793 no fólio 129v e que se encontra na Biblioteca do Vaticano. O Cancioneiro conta com mais de mil poesias datadas entre os anos de 1100 e 1200 as quais foram compiladas entre os séculos XV e XVI e que estão presentes no manuscrito identificado como VAT LAT 3793, o qual foi digitalizado e está disponibilizado gratuitamente no site da Biblioteca do Vaticano². O VAT LAT 3793 conta com 179 fólhos que trazem diversos sonetos, canções, tensões³, baladas e líricas e que são atribuídos a diversos autores sicilianos, pisanos, sieneses e florentinos⁴.

Segundo consta no Cancioneiro, o soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fïora* é de autoria de Compiuta Donzella – considerada a primeira mulher a qual foram atribuídos textos da literatura em italiano vernacular e a única autoria feminina identificada no VAT LAT 3793. Apesar de sua relevância, Compiuta Donzella di Firenze é uma figura com uma vida rodeada por mistérios devido à falta de

¹ Meu pai me colocou no sofrimento / e ainda me mantém em grande dor: / doar-me quer à força a um senhor, / e disso não tenho desejo nem vontade, / e grande tormento vivo todas as horas; / por isso não me alegra florescer (Cherobin; Guerini, 2022, p.61)

² Ver em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3793.

³ Diálogos poéticos ou debates entre dois trovadores de diferentes categorias sociais (Barros, 2007)

⁴ Para mais detalhes sobre a estrutura, o conteúdo e os autores do VAT LAT 3793 ver: <https://www.mirabileweb.it/manuscript/citt%C3%A0-del-vaticano-biblioteca-apostolica-vaticana--manuscript/16040>.

documentação biográfica. A pouca informação fornecida permite estimar que tenha nascido em Florença entre 1200 e 1300 (Cherobin; Guerini, 2022, p. 55)

Nesse período, Florença, assim como outras cidades ocidentais latinas, encontrava-se em meio ao chamado *movimento comunal* (Miatelo, 2021, p. 220) que buscava neutralizar o poder aristocrático, trocando o sistema de governo, no qual o bispo ou o conde eram os líderes no comando, por um governo coletivo de cidadãos. Esse processo garantia a autonomia política e econômica das cidades e, teoricamente, significava maior liberdade para a população na defesa dos seus interesses. De fato, essa mudança proporcionou algum sucesso, já que, perante esse novo sistema governamental, Florença tornou-se uma das cidades mais importantes da região da Toscana no século XIII⁵.

No entanto, cabe destacar que a liberdade de defesa de interesses que o novo sistema propunha tinha limites; por exemplo, não se estendiam às mulheres. Na verdade, as comunas – como era chamada essa nova forma de governo –, promoveram o afastamento das figuras femininas do cenário político urbano, um fenômeno também visto em outros territórios no Medievo (Le Goff, 1992). Consequentemente, esse afastamento se estendeu a outras esferas sociais, provocando uma reclusão das mulheres aos lares e conventos. Como aponta Deplagne (2019, p. 53), esse período de cerceamento dos espaços de poder feminino na Idade Média é marcado também por um aumento de obras literárias com teor misógino, o que provocou diversas reações por parte dessas mulheres a partir da realização de produções textuais.

Além das mudanças no cenário político-social italiano, o século XIII marca justamente o período de efervescência da poesia no cenário da literatura italiana, principalmente em razão do nascimento da *Scuola Siciliana*⁶ que passou a adotar o uso da língua coloquial falada nas produções dos poemas. Contudo, considerando o contexto histórico acima citado, o número de mulheres escritoras no cenário literário italiano era baixo. As mulheres eram protagonistas na poesia lírica, porém, somente enquanto objetos de inspiração para as produções masculinas da época e não como escritoras/autoras (Cherobin; Guerini, 2022). A existência das mulheres enquanto escritoras foi constantemente negada, marginalizada, ignorada e apagada da história (Cerrato, 2013). Essas mulheres tiveram suas vozes silenciadas.

⁵ Para mais informações acerca do cenário político e econômico de Florença ver: Barros (2002).

⁶ Movimento literário fundado na corte do imperador Frederico II na Sicília a partir do ano 1220 e que se espalhou por outros cenários italianos. Há três tipos de composições poéticas nessa escola: a poesia lírica amorosa, a poesia sarcástica e a poesia religiosa, sendo as duas primeiras as mais adotadas pelos poetas dessa escola. Para mais detalhes sobre este movimento ver: Asor Rosa (2009).

Em razão deste contexto, no qual Compiuta Donzella estava inserida, muito se discutiu no meio literário se ela era realmente uma mulher ou se os sonetos a ela atribuídos foram escritos por um homem que adotou, de forma intencional, uma voz feminina. Tal debate foi explorado por estudiosos como Price (1988), Cherchi (1989), Steinberg (2006) e Cerrato (2014), que trouxeram hipóteses e argumentos a respeito da enigmática figura de Compiuta Donzella. De todo modo, apesar deste debate em torno de sua figura, a questão é que há três sonetos compilados no Cancioneiro Vaticano Latino 3793 que são indicados como sendo de autoria de Compiuta Donzella, os quais são: *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora*, *Lasciar vor[r]ia lo mondo e Dio servire* e *Ornato di gran pregio e di valenza*⁷.

Esses sonetos de Compiuta se enquadram justamente na categoria de obras medievais de autoria feminina. Todavia, cabe apontar que por muito tempo essas obras foram deixadas à margem da historiografia tradicional pois as fontes históricas utilizadas nos estudos medievais são, em sua maioria, documentos de cunho religioso e literário produzidos por homens. Assim, ao longo dos anos, os estudos sobre a participação feminina no Medievo aconteceram através de lentes masculinas (Klapisch-Zuber, 2002). Diante disso, não é de se estranhar que a concepção generalizada sobre o período medieval seja a ideia de uma *Idade Média masculina*, termo difundido pelo medievalista Georges Duby (2019).

Essa concepção de *Idade Média masculina* vem sendo desconstruída a partir dos avanços da História das Mulheres, da crítica feminista e dos estudos de gênero que possibilitaram o resgate de obras medievais de autoria feminina. Entre as obras resgatadas destacam-se as líricas trovadorescas escritas por mulheres, as chamadas trovadoras ou *trobairitz*. O termo *trobairitz* tem origem na palavra occitana *trobar*, ou seja, compor com habilidade poética e musical (Rodrigues; Pereira, 2022). Elas foram poetisas e compositoras que surgiram entre os séculos XII e XIII no sul da França e espalharam suas composições para outras regiões da Europa, como a Toscana, onde vivia Compiuta.

Diferentemente dos trovadores medievais, as trovadoras utilizavam o código do amor cortês, o *fin' amor*, de uma forma mais livre, sem focar muito na descrição e na mensura que esse código exigia. A arte poética das trovadoras medievais é composta principalmente por monólogos amorosos, as *cansós* e *coblas*, e diálogos poéticos, conhecidos como *tensons*, podendo trazer também denúncias ao poder patriarcal nas chamadas cantigas de mal-maridadas ou *chansons de malmariées*. Segundo Deplagne (2019)

⁷ Traduzidos, respectivamente, como “Na estação em que o mundo floresce” (Cherobin; Guerini, 2022, p. 61), “Queria deixar o mundo e a Deus servir” (Cherobin; Guerini, 2022, p. 63) e “Ornado de grande virtude e valor” (Cherobin; Guerini, 2022, p. 65)

é nessa última categoria que se enquadra o principal soneto de Compiuta, *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora*.

Assim, por se encaixarem no contexto da lírica trovadoresca feminina do século XIII, os sonetos de Compiuta evidenciam a existência de vozes femininas no período medieval. Entretanto, os estudos sobre Compiuta Donzella e seus sonetos, bem como sobre a literatura feminina medieval, carecem de divulgação no cenário acadêmico brasileiro. Sobre Compiuta e seus sonetos, destacam-se os trabalhos nas áreas de literatura e tradução, principalmente os estudos de Luciana Deplagne (2010; 2012; 2019), Andréia Guerini (2022), Nicoletta Cherobin (2022) e Karine Simoni (2018). Na área de História Medieval do meio acadêmico brasileiro, entretanto, ainda não há estudos específicos sobre Compiuta Donzella e suas composições.

Diante disso, este artigo se justifica pela necessidade de ampliar os estudos sobre uma História Medieval voltada para as figuras femininas, tendo como fonte de análise o soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* de Compiuta Donzella. Para tanto, a pesquisa adotou como procedimentos metodológicos a análise contextual e textual do soneto a partir da perspectiva de Antônio Celso Ferreira (2009) e do conceito teórico-metodológico de “lógica social do texto” de Gabrielle Spiegel (1990), assim como a problematização dos conceitos de “representação” de Roger Chartier (1990) e “gênero” de Christiane Klapisch-Zuber (2002). Partindo disso, esse artigo se propôs a discutir sobre a importância das trovadoras medievais diante da necessidade de construir um Medieval que vá além do estereótipo de sociedade masculina, patriarcal e guerreira, através da recuperação de seus textos e dos espaços por elas ocupados.

Em busca de um Medieval feminino

Existe uma intrínseca relação entre as tendências historiográficas voltadas para a escrita da História e as demandas que se fazem presentes na sociedade. Este é o caso, por exemplo, da atuação do movimento feminista da década de 1960, pois, através de sua atuação, anos mais tarde, foram estabelecidos em um contexto universitário os estudos sobre as mulheres como um campo definido de atuação investigativa para os historiadores e historiadoras, fato que já se tornaria visível como um movimento de estudos a nível mundial naquele mesmo contexto. Tal fato explica, por exemplo, a publicação de diversas obras voltadas para o cenário feminino medieval a partir de autores como Georges Duby, Régine Pernoud, entre outros, precisamente durante os anos 70 e 80 do século XX,

com o objetivo de apresentar um Medieval também feminino. De uma forma geral, os diagnósticos sobre o desenvolvimento da historiografia a nível mundial identificam o desenvolvimento do campo de estudos sobre a história das mulheres relacionando-o com o auge do movimento feminista (Aurell y Burke, 2013, p. 287-340). Desde então surgiu um número cada vez mais considerável de produções historiográficas (livros, artigos, etc...), ampliando, nas palavras de Joan Scott, o “campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado” (Scott, 1992, p. 63-95). Neste sentido, de acordo com Joan Scott, surgia um “novo campo de estudo”:

O acúmulo de monografias e artigos, o surgimento de controvérsias internas e o avanço de diálogos interpretativos, e ainda, a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, ao que parecia, por sua grande distância da luta política. Finalmente (assim prossegue a trajetória), o desvio para o gênero na década de 80 foi um rompimento definitivo com a política e propiciou a este campo conseguir o seu próprio espaço, pois gênero é um termo aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato. A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise (Scott, 1992, p. 64).

Na busca por desconstruir essa ideia de uma *Idade Média masculina*, consequentemente construída em razão do domínio masculino da escrita, os estudos de gênero e as discussões de teorias feministas contemporâneas se mostram imprescindíveis, uma vez que possibilitaram a expansão do campo de estudo voltado para a História das Mulheres no meio acadêmico. A ampliação de tais estudos abriu o debate em torno de um conceito importante: o de gênero. Nesta pesquisa, foi adotado o conceito de gênero discutido por Christiane Klapisch-Zuber na introdução do livro *História das Mulheres: A Idade Média*, que considera o gênero como produto de uma reelaboração cultural, no sentido de que a sociedade “define, considera – ou desconsidera –, representa-se, controla os sexos biologicamente qualificados e atribui-lhes papéis determinados” (Klapisch-Zuber, 1992, p. 11).

Já em relação às discussões teóricas feministas, é relevante a discussão da historiadora Michelle Perrot pois esta destaca a importância de considerar as contribuições dos estudos feministas para uma “reavaliação do poder das mulheres” (1988, p. 174). A historiadora ainda salienta que a pesquisa feminista “em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, [...] procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua ‘cultura’ e a existência dos seus poderes” (Perrot, 1988, p. 174). Nesse sentido, em relação ao período medieval, as discussões teóricas feministas também deixaram evidente que as mulheres estavam inseridas em relações estruturais da sociedade e que caberia aos pesquisadores

escutarem as vozes das mulheres do Medievo para assim resgatá-las nas narrativas medievais (Livingstone, 1998). Resgatar as vozes dessas mulheres é, portanto, uma forma de reavaliar o poder atribuído a elas no contexto em que estavam inseridas. Diante disso, concordamos com Deplagne sobre a necessidade de reabilitar as vozes femininas a partir da “recuperação de textos e espaços de mulheres” e, portanto, de “suas próprias representações” (Deplagne, 2012, p. 288).

Para tanto, um dos pressupostos necessários para a escrita deste artigo foi compreender que “todo ser está de certa forma condicionado ao seu meio, ao seu período histórico e seus valores, mesmo quando se colocam em posição contrária” (Deplagne, 2012, p. 289), ou seja, considerar que toda representação está inserida em um contexto determinado foi essencial para entender o local de fala dos escritos femininos medievais. Essa ideia de Deplagne está em consonância com o que argumenta Spiegel:

o poder de qualquer conjunto de representações deriva, em grande parte, de seu contexto social e de sua relação com as redes sociais e políticas em que é elaborado. Assim, a linguagem reflete sutilmente a posição social e o poder relativo de seus falantes, e as palavras assumem significados diferentes dependendo do dialeto simbólico falado (Spiegel, 1999, p. 6)⁸.

Nesse sentido, Spiegel (1999, p. 5-6) defende que a linguagem e a textualidade incorporam estruturas linguísticas e sociais, de modo que o caráter estético de uma obra esteja intrinsecamente relacionado ao caráter social do qual ela emerge. Assim, a “lógica social do texto” de Spiegel busca combinar a análise do lugar social de um texto (o espaço social que ele ocupa) e seu próprio caráter discursivo, ou seja, como um artefato literário que exige uma análise literária. Desse modo, é possível entender a textualidade como algo que surge da vida social e que, ao mesmo tempo, a constitui.

Isso reforça também o argumento de Ferreira (2009) de que texto e contexto não são polos comunicáveis, uma vez que:

o que caracteriza a operação historiográfica é a interpretação das fontes em determinadas circunstâncias sociais, isto é, nos contextos, que só podem ser reconstruídos, ainda que de modo parcial, lacunar ou aproximado, pela mediação de outros textos. De acordo com essa concepção, texto e contexto não configuram polos comunicáveis, ao contrário, é possível ler as marcas da sociedade e da cultura no interior dos escritos, e de outro lado, compreender o significado delas na sociedade (Ferreira, 2009, p. 82).

⁸ “The power of any given set of representations derives in large part from its social context and its relation to the social and political networks in which it is elaborated. Thus, language subtly mirrors the social location and relative power of its speakers, and words assume different meanings depending upon which symbolic dialect is being spoken” (Spiegel, 1999, p. 6)

Assim, para analisar uma fonte literária em sua totalidade se faz necessário combinar a análise contextual (externa) e análise textual (interna), visto que texto e contexto estão intrinsecamente relacionados (Ferreira, 2009).

A partir do momento em que analisamos um texto a partir do seu contexto de produção, considerando ambos os aspectos intrínsecos um ao outro, surge uma representação. No caso dos estudos sobre as mulheres medievais, um ponto essencial para discutir a sua construção no Medievo é refletir sobre como essas figuras foram e ainda são representadas. Para tanto, o conceito de representação de Roger Chartier (1990, p. 17-19) se mostra imprescindível, uma vez que define que as representações são construídas e determinadas pelos interesses do grupo que as forjam, com o intuito de impor suas concepções do mundo social, seus valores e seus domínios. Segundo Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1990, p. 17).

Ressaltamos que, de acordo com Chartier, as representações são construídas e determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, com intuito de impor suas concepções de mundo social, seus valores e seus domínios (Chartier, 1990). Assim, apresentar novas narrativas em torno das representações de figuras femininas no período medieval a partir das histórias e das produções das trovadoras medievais, como Compiuta Donzella, pode contribuir para a construção de um Medievo que vá além dos estereótipos construídos pela historiografia tradicional a partir de ideais iluministas, do moralismo cristão e da visão patriarcal.

Temos, portanto, uma conjunção de discussões para a realização da análise proposta neste artigo a partir da perspectiva de gênero, neste caso, considerando as produções historiográficas femininas no Medievo, juntamente com a consideração de compreender tal perspectiva no contexto histórico no qual foi formulada, ou seja, a análise contextual do século XIII, somada à proposta da “lógica social do texto”, ou seja, ressaltando o significado que o mesmo apresenta em seu contexto de produção, gerando, portanto, uma representação, a qual, neste caso, refere-se a uma representação textual feminina no Medievo (*A la stagion che 'l mondo foglia e fiora*).

Silenciamento, exclusão e desautorização... e suas consequências

Como argumenta Cerrato, “a história das mulheres na literatura é a história de um feminicídio cultural e de uma constante manipulação da realidade” (2013, p. 13). As mulheres escritoras muitas vezes tiveram seus nomes excluídos, suas vozes silenciadas, seus rostos apagados e suas histórias deixadas para o esquecimento. A historiografia tradicional, herdeira do iluminismo – e, por conseguinte, dos ideais de uma Idade das Trevas, de uma obscura e bárbara Idade Média sob os domínios da Igreja –, não reservou às mulheres espaços de destaque e de participação na sociedade medieval, operando um silenciamento das vozes femininas em muitas esferas sociais, inclusive na literatura.

É necessário frisar que toda esta interpretação misógina sobre o feminino, no que se refere ao seu corpo, pensamento e comportamento, é uma herança da Antiguidade herdada pelo Medievo. Nas palavras de Christiane Klapisch-Zuber:

Desde os primeiros tempos do cristianismo, partindo destes fundamentos teológicos do masculino/feminino que carregavam positivamente o primeiro polo e negativamente o segundo, foram se aglomerando qualidades e defeitos, vícios e virtudes, condutas fastas e nefastas, considerados como específicos de um ou outro sexo. Aliás, a literatura medieval comprazeu-se em detalhar o inventário das características femininas mais do que o das masculinas. Isto porque desde o início a mulher foi definida por suas deficiências em relação à natureza humana, que fora realizada de forma mais completa no homem. Os religiosos que viviam a recusa da carne e a distância das mulheres retiveram deste catálogo binário sobretudo a negatividade do polo feminino, com o qual eles alimentaram sua própria visão misógina da feminilidade. Eles podem assim aumentar o inventário dos defeitos e dos problemas ligados às mulheres. As piores invectivas contra a mulher, assimilada ao seu corpo, condenada por tudo que é ligado a ele, surgem no fundo dos claustros onde se renunciou aos sentidos e ao mundo (Klapisch-Zuber, 2002, p. 144-145).

Essa historiografia herdeira do movimento iluminista baseou-se, assim, quase que exclusivamente nas fontes canônicas escritas por homens religiosos que construíram, a partir de seus interesses e valores, um inventário de características, defeitos e problemas relacionados às mulheres, negando-lhes a capacidade de agir e serem protagonistas na história. As fontes canônicas, dominadas pelo discurso de teóricos antigos e medievais, construíram representações sobre as mulheres medievais, nos quais os ideais de inferioridade e submissão prevaleciam (Klapisch-Zuber, 1992; Nascimento, 1997). Como aponta Deplagne (2012, p. 295), o processo de canonização das fontes foi, portanto, consolidado tendo como bases valores relacionados ao patriarcalismo, ao moralismo cristão e à elite dominante, reproduzindo relações de poder e interesses de classe e gênero.

No Medievo, a influência do olhar masculino sobre as mulheres era uma constante, em sua maior parte, de negatividade e aversão. Dessa forma, o que constituía a mulher no Medievo era o olhar que os homens colocavam sobre ela. São eles que as definem, a partir de suas formações, perspectivas de mundo e intencionalidades. Na análise de um *corpus* documental medieval, portanto, considerando os documentos de autoria masculina, devemos ter em mente este filtro, o qual transmite textualmente modelos, ideias e regras de comportamento (Klapisch-Zuber, 1992, p. 16). Outro ponto importante a ser considerado é que, no caso do Medievo, “os homens têm a palavra” (Klapisch-Zuber, 1992, p. 16), ou seja, o domínio da escrita pertenceu, principalmente, aos homens religiosos que transmitiram para sua época e para os séculos seguintes suas concepções sobre as mulheres e, assim, contribuíram para estabelecer a concepção generalizada de uma “Idade Média masculina”. Desse modo, é evidente que a representação da mulher medieval passa por esse filtro masculino.

Nesse processo, quando não foi possível a total exclusão da participação feminina, recorreu-se aos processos de desvalorização e desautorização. Ou seja, classificaram textos e obras femininas como não-literatura, como imitação de obras masculinas e/ou como textos de qualidade inferior (Cerrato, 2013). Foi o que aconteceu com a figura de Compiuta Donzella. Os debates em torno da existência de Compiuta surgiram em um contexto no qual os historiadores e críticos literários do século XIX apoiavam-se em fontes canônicas para argumentar a favor ou contra a sua existência enquanto escritora/autora. Mesmo quando alguns críticos do século XIX, como Francesco De Sanctis, mostravam-se a favor da hipótese da existência de Compiuta enquanto mulher-autora, houve ainda uma suposta desvalorização da qualidade dos textos dessa poetisa, uma vez que destacaram, por exemplo, a “simplicidade” de seus versos, característica que se opõe a complexidade atribuída por esses críticos as obras literárias masculinas que, por sua vez, eram consideradas superiores (Price, 1988).

Esses processos se refletem até os dias de hoje nas representações sobre o período medieval seja em meios midiáticos (filmes, séries, animações, etc) – que além de reproduzirem uma Idade Média estilizada ocidental, estereotipada, eurocêntrica e branca, também se baseiam em protagonismos de personagens masculinos (Lima, 2021) –, como também em ambientes educacionais, através de materiais didáticos e dos próprios currículos educacionais, por exemplo.

Estudos como os de Lima (2021) e de Oliveira (2024) exemplificam a dificuldade dos manuais didáticos de inserirem a condição feminina nas obras. A figura da mulher medieval dos livros didáticos é apresentada, na maioria das vezes, em textos complementares e à margem dos espaços de poder. A mulher medieval aparece como “um exemplo contrastante e distante temporalmente” (Lima, 2021, p.

248). Raramente suas produções intelectuais, artísticas, literárias e científicas são apresentadas. Fica explícito, portanto, “o silenciamento intelectual feminino na historiografia” (Oliveira, 2024, p. 94).

Até mesmo na ficção literária infanto-juvenil usada como paradidáticos em salas de aula e que têm como pano de fundo cenários medievais, refletem estereótipos em relação à figura feminina medieval. Segundo Oliveira (2024, p. 138), entre os contos juvenis aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2020, 88,8% deles apresentam personagens femininos geralmente em lugares de vulnerabilidade, refletindo o ideal de fragilidade feminina, uma vez que apresentam as personagens femininas como indefesas e submissas. A representação da intelectualidade feminina, por sua vez, tem um número menos expressivo nesses materiais, estando presente apenas em 27,7% da literatura aprovada pelo PNLD de 2020. Nota-se, mais uma vez, o silenciamento da produção intelectual feminina do período medieval, desta vez, refletindo-se no contexto escolar.

É preciso ter em mente que tanto os materiais didáticos quanto os currículos são espaços de produção da cultura histórica habitados por narrativas e representações (Andrade, 2014). Desse modo, são responsáveis, em parte, pela produção das identidades sexuais e de gênero, identidades de classe e étnicas. Assim, o silenciamento de questões relacionadas ao gênero e a figura feminina nesses meios se configuram como “investimentos para promover a manutenção da centralidade do modelo normativo que tende a ratificar a legitimidade a hegemonia dos valores atrelados aos modelos identitários tradicionais [ou seja, masculino, branco, heterossexual, classe média e judaico-cristão]” (Andrade, 2014, p. 152).

Desse modo, os resgates e os estudos de obras literárias femininas se mostram como ferramentas importantes para repensar e questionar a centralidade desse modelo normativo. Como demonstram Rodrigues e Pereira (2022), estudar obras como as das *trobairitz* evidenciam o rompimento com o silêncio, com as representações tradicionais e com o discurso historiográfico dominante que tanto lhes negou suas existências, e possibilitam expressar novas representações acerca da mulher medieval.

O medievo das *trobairitz*

O rompimento com a representação da mulher silenciosa e iletrada é evidente quando nos voltamos para a produção poética das mulheres trovadoras ou *trobairitz*. Surgidas na região occitânica entre os séculos XII e XIII, onde a cultura e a literatura cortesã ganhavam força, esse grupo de

mulheres (de maioria aristocrática) foram não somente objetos de representação nos poemas de amor cortês, mas também “objeto de escrita literária” (Domínguez Ferro, 2012, p. 112).

As *trobairitz* dessa região escreviam em *llengua d’oc* (Bogin, 2006, p. 8), atualmente conhecida como provençal ou occitano, uma língua que, segundo Bogin, tem muito mais em comum com os dialetos do norte da Itália e o catalão do que com o francês atual. Isso se deve a divisão geográfica e cultural que havia no território que hoje se conhece como França. No período medieval, a região norte francesa era mais próxima da Inglaterra e dos reinos de língua germânica, enquanto a região mais ao sul havia sofrido forte influência de Roma, aproximando-se, portanto, do norte da Itália e dos reinos ibéricos (Bogin, 2006).

As canções de amor escritas pelos trovadores e as poesias das *trobairitz* escritas em *llengua d’oc* influenciaram o desenvolvimento da poesia em todas as línguas emergentes da Europa. Como aponta Bogin, “no início do século XIII, imitações da canção de amor provençal estavam sendo escritas em siciliano, alemão, galego e *llengua d’Oïl* [próxima do francês moderno]; a Catalunha, o norte da Itália e até mesmo a Inglaterra adotaram o occitano como língua literária da corte.” (2006, p. 9). Isso corrobora com o argumento de Cerrato (2014) de que havia circulação das poesias das *trobairitz* em Florença no século XIII, o que, por sua vez, justifica a influência de características dos textos das *trobairitz* nos sonetos de Compiuta Donzella.

Além dos temas voltados para a crítica aos casamentos forçados, à tirania e à violência praticadas pela figura paterna ou pelo marido nas *chansóns de malmariés*, os monólogos amorosos e diálogos poéticos das *trobairitz* também traziam temas como:

o lamento pela frieza de um amado, a intercessão em favor de um amante que cometeu um erro, questões de ética amorosa ou assuntos de tema político; um grupo de composições expressa o pedido de conselho, seja entre mulheres, seja entre homens que recorrem à sabedoria feminina para resolver um problema amoroso (Domínguez Ferro, 2012, p. 112).

Algumas das características mais marcantes nesses monólogos amorosos e diálogos poéticos são o seu estilo mais livre e mais subjetivo, se comparados aos poemas dos trovadores. Como já foi dito anteriormente, as trovadoras encontravam nas poesias uma forma de externalizar seus desejos e suas vontades. Suas poesias tinham, portanto, razões mais pessoais (Deplagne, 2010). Através da poesia, as mulheres trovadoras representavam o mundo exterior no qual estavam inseridas, seus anseios e suas auto-representações. Todavia, as obras dessas mulheres encontraram empecilhos para

legar suas representações à posteridade, visto que, como foi dito anteriormente, elas foram alvo de processos que buscaram apagar seus vestígios na canonização das fontes escritas.

Novas representações da mulher medieval: o caso de Compiuta e suas produções

O resgate das vozes femininas opera uma das principais desconstruções da representação tradicional da mulher medieval: a da não produção ou não atuação literária feminina nesse período (Oliveira, 2024). Seguindo esta proposta de resgate, a falsa imagem da mulher medieval como submissa, iletrada e silenciosa se desvanece e surge um novo cenário histórico vinculado ao Medievo. O que vemos com as obras das trovadoras medievais são mulheres que tiveram participação na arte poética e na escrita literária do medievo, mulheres que utilizaram de seus versos para “se apoderar de espaços públicos e privados” (Cerrato, 2013, p. 18), para expressar sentimentos, expor intimidades e desafiar relações familiares conflituosas, como é visível com o soneto de Compiuta Donzella. Mesmo que não sejam muitas as obras preservadas e que muitas vezes não se tenham muitas informações biográficas sobre essas poetisas, seus versos preservados entoam sensibilidades, desejos e aspirações que vão de encontro às funções tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino no período.

O soneto *A la stagion que che 'lmondo foglia e fiora* é o mais conhecido dos três sonetos atribuídos à Compiuta. Ao consultar o manuscrito, no topo do soneto sua autoria claramente é atribuída a *la compiuta donzella di firenze*. Percebe-se também que o título atribuído ao soneto se origina da sua primeira linha “A la stagion que che 'lmondo foglia e fiora”. Os traços na lateral direita indicam a divisão do soneto, também percebida no conteúdo do poema. Aos olhos de um leitor leigo, a divisão dos versos e estrofes não está muito evidente. Em razão disso, apresentamos a versão transcrita do soneto:

A la stagion che 'l mondo foglia e fiora
acresce gioia a tut[t]i fin' amanti:
vanno insieme a li giardini allora
che gli auscelletti fanno dolzi canti;

la franca gente tutta s'namora,
e di servir ciascun trag[g]es' inanti,
ed ogni damigella in gioia dimora;
e me, n'abondan mar[r]imenti e pianti.

Ca lo mio padre m'ha messa 'n er[r]ore,
e tenemi sovente in forte doglia:
donar mi vole a mia forza segnore,

ed io di ciò non ho disìo né voglia,

e ‘n gran tormento vivo a tutte l’ore;
però non mi ralegra fior né foglia.
(Cherobin; Guerini, 2022, p. 60).

A divisão indicada pelos traços presentes no fôlio 129v mostra, portanto, a divisão dos quartetos e dos tercetos do soneto. Há ainda uma divisão temática dentro do próprio soneto, como aponta Karine Simoni (2018), onde nos primeiros sete versos há uma descrição do mundo externo enquanto nos últimos versos há uma descrição do interior de Compiuta, de seu estado de ânimo, como podemos perceber na versão traduzida do soneto:

Na estação em que o mundo floresce
cresce a alegria dos cortesões amantes:
seguem juntos pelos jardins enquanto
os passarinhos entoam doces cantos;

as nobres pessoas todas se enamoram,
e todos se dispõem para este serviço,
e cada donzela na alegria mora;
e em mim, abundam tormentos e lágrimas.

Meu pai me colocou no sofrimento
e ainda me mantém em grande dor:
doar-me quer à força a um senhor,

e disso não tenho desejo nem vontade,
e grande tormento vivo todas as horas;
por isso não me alegra florescer.
(Cherobin; Guerini, 2022, p. 61).

Segundo Price (1988) e Simoni (2018) o paralelo é evidente: na primeira parte a descrição da primavera, a beleza da estação e a alegria dos amantes; na segunda, o retrato das emoções e do sofrimento da poetisa totalmente em desacordo com a leveza expressadas nos primeiros versos.

Nos últimos versos, “Ca lo mio padre m’ha messa ‘n er[r]ore, / e tenemi sovente in forte doglia: / donar mi vole a mia forza segnore, / ed io di ciò non ho disio né voglia”⁹(Cherobin; Guerini, 2022, p. 60), percebe-se uma característica das chamadas *chansóns de malmariés*: o caráter de denúncia ao poder patriarcal, poder este refletido na figura do pai e na imposição do casamento. Em uma sociedade patriarcalista e centrada na família, como a do medievo, os pais, amigos e parentes masculinos eram os responsáveis por determinar o futuro das mulheres das famílias (Optiz, 1991), uma vez que eles entendiam que era necessário controlar o corpo e a existência das mulheres visto que “devido à sua

⁹ Meu pai me colocou no sofrimento / e ainda me mantém em grande dor: / doar-me quer à força a um senhor, / e disso não tenho desejo nem vontade (Cherobin; Guerini, 2022, p.61)

[suposta] fraqueza elas eram incapazes de fazê-lo” (Klapisch-Zuber, 2002, p. 145). Desse modo, o patriarcalismo colocou as mulheres em posições secundárias, “onde sua submissão deveria ser um sucesso” (Klapisch-Zuber, 2002, p. 145). No seu soneto, Compiuta denuncia o patriarcalismo expresso na imposição do casamento forçado e expõe o sofrimento advindo desta prática.

Simoni (2018) argumenta que em meio ao florescimento primaveril, em um cenário perfeito para o florescimento do amor cortês, essa jovem se encontra desesperada por se ver obrigada a se casar com um homem que não ama e deixar de lado seu desejo de seguir os votos religiosos e servir a Deus, como indica os outros dois sonetos atribuídos a Compiuta Donzella: *Lasciar vor[r]ia lo mondo e Dio servire* traduzido como “Queria deixar o mundo e a Deus servir” (Cherobin; Guerini, 2022, p. 63) e *Ornato di gran pregio e di valenza* traduzido como “Ornado de grande virtude e valor” (Cherobin; Guerini, 2022, p. 65). O contraste com o cenário primaveril abordado nos primeiros versos do *A la stagion que che 'lmondo foglia e fiora* é uma parte fundamental do soneto por expressar o estado de espírito do eu-lírico, revelando os sentimentos de tristeza e aflição perante o casamento arranjado e reforçando o caráter de denúncia do poder patriarcal.

Analisando *A la stagion que che 'lmondo foglia e fiora*, é possível perceber que o casamento é, portanto, um dos papéis impostos ao gênero feminino através de um sistema ideológico e social, que visava desde a redução da existência feminina a uma vida ao lado de um homem para atender ao interesses e necessidades dele, até um controle da sexualidade e dos corpos femininos (Optiz, 1991). Desse modo, entende-se que, como argumenta Klapisch-Zuber (1992, p. 11), as qualificações e os papéis atribuídos a cada gênero são produtos de uma reelaboração cultural. Logo, o sofrimento de Compiuta é oriundo da opressão específica a qual a mulher é submetida no casamento e da sua falta de desejo de cumprir com esse papel socialmente imposto ao seu gênero no período. Ademais, o desejo de Compiuta de seguir com a vida religiosa expõe ainda uma forma de poder para as mulheres no período medieval, uma vez que as mulheres do século XIII não controlavam efetivamente poder, riqueza e relações sexuais, entrar na vida religiosa era um meio de “conservar o domínio do seu corpo e afirmar a sua liberdade em relação ao grupo familiar” (Vauchez, 1995, p. 154), coisas que um casamento arranjado não possibilitaria.

Assim, como destacam Cherobin e Guerini (2022), a relevância do soneto de Compiuta Donzella reside, portanto, na denúncia aos hábitos patriarcais. Essa denúncia ao poder patriarcal, característica das chamadas *chansóns de malmariés* das *trobairitz*, confirma também a influência da circulação da produção dessas poetisas no cenário social e literário de Florença do século XIII. Ou

seja, o contexto no qual Compiuta estava inserida influenciou diretamente na produção dos seus versos, o que reforça o argumento de Ferreira (2009) e de Spiegel (1999) acerca da relevância de analisar o soneto a partir de um diálogo entre texto e contexto.

Ademais, o fato do soneto estar localizado em um dos principais códigos literários do período e escrito na língua emergente italiana é testemunho “do potencial da mulher na arte da escrita” (Simoni, 2018, p. 204), além de evidenciar que a “linguagem reflete sutilmente a posição social e o poder relativo de seus falantes” (Spiegel, 1999. p. 6), uma vez que permite apontar que Compiuta provavelmente pertencesse a uma família da nobreza florentina e tenha, conseqüentemente, recebido uma educação cortês que possibilitou a composição dos seus versos. Além da linguagem usada no soneto – ou seja, o italiano vernacular que circulava nas cortes –, o que também corrobora com a suposição de que Compiuta fazia parte da nobreza florentina era o próprio contexto social em que ela estava inserida, visto que a prática dos casamentos arranjados no período medieval era mais voltada para as classes mais abastadas, onde as jovens não tinham influência nos planos matrimoniais traçados por seus responsáveis (Optiz, 1991, p. 334).

Assim, corroborando com o que argumenta Spiegel (1999, p. 6) sobre representações e contexto social, percebemos que a representação feminina construída com o soneto de Compiuta Donzella – essa mulher que tem voz, que sabe compor poesia, que expressa seus sentimentos, que ocupa um lugar de produção literária, que anseia em se livrar da imposição de um casamento forçado e que deseja seguir suas vontades através da vida religiosa – é derivada do contexto social e das relações sociais no qual ela estava inserida, representação esta formulada a partir dos interesses de seu grupo social (Chartier, 1990, p. 17-19).

Ademais, se, por um lado, materiais como os livros didáticos muitas vezes apresentam e consolidam representações femininas em atividades subalternizadas ou em posições de vulnerabilidade quando comparada às representações masculinas (Oliveira, 2024), por outro, as canções das trovadoras medievais apresentam uma nova narrativa em torno das figuras femininas ao apresentá-las em um lugar de produção intelectual, literária e artística, proporcionando, portanto, um outro Medievo.

Assim sendo, resgatar os textos dessas mulheres é uma forma de dar visibilidade a suas produções intelectuais e a suas formas de atuação no período medieval. Logo, incluir essas obras às fontes canônicas se faz necessário para superar o silenciamento imposto às vozes femininas no Medievo. Ademais, possibilitam construir um Medievo que vai além do estereótipo de sociedade

masculina, patriarcal e guerreira, uma vez que expõe um período histórico composto por distintos modos de existir e de pensar (Rodrigues; Pereira, 2022). Estudar a história e a produção das trovadoras medievais possibilita, portanto, um entendimento mais amplo do mundo medieval, da visão construída sobre as mulheres e sobre as relações de gênero nesse período.

Nesse sentido, também é relevante considerar as canções das trovadoras como um lugar de protagonismo feminino e que podem – e precisam – se constituir como fontes históricas possíveis de serem estudadas, escutadas e analisadas não só nos meios acadêmicos, como também em um dos lugares responsáveis por formar a consciência histórica, as representações e as identidades socioculturais da maioria das pessoas: o contexto escolar (Schmidt, 2014; Andrade, 2014). Incluir as produções femininas, tais como o soneto de Compiuta Donzella, como fontes no ensino de História pode ser uma estratégia adequada e que fará diferença na compreensão dos estudantes acerca do mundo em que vivem (Pereira; Seffner, 2008), visto que assim eles poderão ser ensinados a ler as representações sobre o passado medieval e sobre a figura feminina que circulam na sociedade, além de refletir sobre questões históricas, cidadãs e sociais vinculadas a este tema (Vianna, 2022, p. 81-93).

Considerações finais

Os estudos sobre a participação feminina no período medieval foram, por muito tempo, conduzidos e permeados por lentes masculinas. O predomínio do uso de fontes históricas produzidas por homens ajudou a consolidar uma concepção generalizada de uma *Idade Média masculina*. O que possibilitou uma certa mudança nesse cenário foram os avanços da historiografia e em específico do campo de estudos sobre a História das Mulheres, da crítica feminista e dos estudos de gênero, os quais possibilitaram o resgate de obras medievais de autoria feminina.

Esse movimento de resgate da produção intelectual, literária e artística feminina medieval permitiu que tivéssemos acessos aos textos e histórias de várias personagens femininas e, dentre elas, das trovadoras medievais, como os de Compiuta Donzella. Neste sentido, o acesso à tais produções permite, por sua vez, a ampliação dos estudos sobre uma História Medieval voltada para as figuras femininas, como ficou demonstrado com a análise do soneto.

Tal acesso permitiu também o rompimento com a representação tradicional da mulher silenciosa e iletrada, rompimento este que fica evidente quando nos voltamos para o entendimento da importância da produção poética das mulheres trovadoras ou *trobairitz*, que através das poesias

representavam o mundo exterior no qual estavam inseridas, seus anseios e suas auto-representações. Todavia, não podemos deixar de mencionar o processo de silenciamento, exclusão e desautorização impostos à essas mulheres e aos seus textos no processo de canonização das fontes, uma vez que esse processo se reflete até os dias de hoje nas representações sobre o período medieval nos meios midiáticos e até nos ambientes educacionais, reproduzindo os estereótipos da sociedade medieval quase que exclusivamente masculina e guerreira.

Trazer esse processo de silenciamento, exclusão e desautorização foi relevante para afirmar a relevância das obras das trovadoras medievais na desconstrução da falsa imagem da mulher medieval como submissa, iletrada e silenciosa, visto que suas canções apresentam uma nova narrativa em torno das figuras femininas ao apresentá-las em um lugar de produção intelectual, literária e artística.

Ao trazermos o exemplo do soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* de Compiuta Donzella ficou evidente a influência das *trobairitz* nessa produção, o que demonstrou também uma conexão com a realidade social feminina de Florença no século XIII. Ao analisarmos o soneto a partir da “lógica social do texto” e das análises textuais e contextuais, tornou-se perceptível que os papéis de gênero e a representação, percebidos no soneto e que são atribuídos ao gênero feminino, são derivados do contexto social, da cultura e das relações sociais nos quais o soneto de Compiuta estava inserido.

Além disso, os versos constroem uma narrativa em torno de uma voz que expressa seus sentimentos, que anseia em se livrar da imposição de um casamento forçado e que deseja seguir suas vontades através da vida religiosa. Expressam, portanto, desejos, sentimentos e emoções de uma voz feminina em um dos principais códigos literários do período (VAT LAT 3793) composto, quase que inteiramente, por produções masculinas, o que, por si só, testemunha o potencial desta figura feminina no meio literário medieval italiano.

Assim, entendemos que obras medievais de autoria feminina, tais como o soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* de Compiuta Donzella, servem como fonte para elaboração de material crítico a respeito do lugar social que a figura feminina ocupava no período medieval. Desse modo, reafirmamos a importância de se ampliar os estudos sobre uma História Medieval voltada para as mulheres, uma vez que apresentam novas narrativas em torno das representações femininas medievais rompendo com os estereótipos tradicionais que formaram a ideia de uma *Idade Média masculina*.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Andreza de Oliveira. Cultura Histórica e Ensino de História: voltando às interfaces das noções de gênero no e através do ensino de História. In: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; OLIVEIRA, Carla Mary da Silva (orgs.). **Cultura Histórica e Ensino de História**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 137-166.
- ASOR ROSA, Alberto. **Storia europea della letteratura italiana**. Vol. 1: Le origini e il Rinascimento. Torino: Einaudi, 2009. 681 p.
- AURELL, Jaume y BURKE, Peter. Las tendencias recientes: del giro lingüístico a las historias alternativas. In: **Comprender el pasado**. Una historia de la escritura y del pensamiento histórico (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 287-340.
- BARROS, Andrea de Marco Leite. **O espaço urbano na Toscana durante os séculos XIII e XIV**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BARROS, José D.'assunção. "Trovador": disputas e tensões sociais dentro e fora da palavra. **Letras**, v. 26, n. 2, p. 49-70, 2007.
- BOGIN, Magda. **Les Trobairitz**: Poestes occitanes del segle XII. 3.ed. Barcelona: Horsori Editorial, 2006. 206 p.
- CERRATO, Daniele. Nuove ipotesi su Compiuta Donzella. **Estudios Románicos**, Sevilla, v. 23, p. 105-116, 2014.
- CERRATO, Daniele. Poesía femenina italiana de los siglos XIII y XIV entre silencio, lamento y rebeldía. In: SOLER, Elena Losada; FERNÁNDEZ, Helena González; GONZÁLEZ, Alicia Ramos (orgs.) **Lo que callan los corpos, lo que afirman los cuerpos**. Sevilla: ArCiBel, 2013. p. 13-30.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, 1990.
- CHERCHI, Paolo. The Troubled Existence of Three Women Poets. In: PADEN, William (ed.). **The Voice of the Trobairitz**: Perspectives on the Women Troubadours. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 197-209.
- CHEROBIN, Nicoletta; GUERINI, Andréia. Compiuta Donzella: entre ficção e realidade. In: CHIARINI, Ana Maria; GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine (org.). **Raízes feministas em tradução: italiano**. 1. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. p. 53-65.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média. **Revista Signum**, v.20, n.2, p.24-56, 2019.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. Gênero em desafio: das trobairitz provençais às repentistas nordestinas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.35, p.193-205, jan./jun. 2010.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. Palavras em ato: A Literatura de autoria feminina na Idade Média. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**. 2012. p. 287-298.
- DOMÍNGUEZ FERRO, Ana Maria. La Compiuta Donzella: una voz femenina en el Trecento italiano. **Revista Internacional de Culturas y Literaturas**, 12, p. 107-114., 2012.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios.** Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes.** Contexto, 2009. p. 61-91.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs.). **História das Mulheres.** A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1992, p. 9-23.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** Vol. II. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 137-150.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos de História do Guia PNLD-2020. **Brathair**, vol. 21, núm. 1, p. 226-255, 2021.

LIMA, Marcelo Pereira. A cultura da mídia, animações e (neo)medievalidades. In: VIANNA, Luciano José. **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais.** Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021. p. 301-315.

LIVINGSTONE, Amy. Pour une révision du «mâle» moyen âge de Georges Duby (États-Unis). **Clio. Femmes, Genre, Histoire**, n. 8, 1998.

MIATELLO, André. As muitas faces da cidade medieval e a participação política nas comunas. In: VIANNA, Luciano José (org.) **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais.** Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021. p. 211-232.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. Textos de História. **Revista do Programa de Pós-Graduação da UNB.** v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997.

OLIVEIRA, Joelandia Nunes Ulisses de. **Do Patriarcado histórico literário ao empoderamento feminino na educação básica:** representações femininas na história medieval do livro didático e na ficção literária infantojuvenil. Recife: EDUPE, 2024. 173 p.

OPITZ, Claudia. Vida cotidiana de las mujeres en la Baja Edad Media (1250-1500). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (org.) **Historia de las mujeres en Occidente.** Taurus, 1991. p. 321-400.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, v. 15, n. 28, p. 113-128, 2008.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros.** 4a ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRICE, Paola Malpezzi. Uncovering Women's Writings: Two Early Italian Women Poets. **Quidditas**, v. 9, n. 1, p. 2, 1988.

RODRIGUES, Amanda Gisele; PEREIRA, Nilton Mullet. As Trobairitz irrompem no banquete de Sócrates: ensino de história, Idade Média e imaginação na aprendizagem em história. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura.** São Cristóvão, SE. Vol. 16, n. 30 (jul. 2022), p. 14-33, 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura Histórica, Ensino e Aprendizagem de História: questões e possibilidades. In: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; OLIVEIRA, Carla Mary da Silva (orgs.). **Cultura Histórica e Ensino de História**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 39-64.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: **A escrita da História**. Novas perspectivas. Peter Burke (Org.). São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 63-95.

SIMONI, Karine. Da impossibilidade do amor à possibilidade da poesia: notas para uma tradução de Compiuta Donzela ao português. In: BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado. **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p.199-212.

SPIEGEL, Gabrielle M. History, Historicism and the Social Logic of the Text. **Speculum** 65/1 (1990), p. 59-86. 1990.

SPIEGEL, Gabrielle M. Theory into Practice: Reading Medieval Chronicles. Dins: **The Medieval Chronicle**. Vol. I. Edited by Erik Kooper. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1999, p. 1-12.

STEINBERG, Justin. La Compiuta Donzella e la voce femmenile nel manoscritto Vat. Lat. 3793. **Giornale Storico della letteratura italiana**, v. 183, n. 601, p. 1-31, 2006.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: (séculos VIII a XIII). Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VIANNA, Luciano J. Desafios e perspectivas sobre a História das Mulheres no Medievo na formação de professores na contemporaneidade: história, cidadania e questões sociais. In: Iracema Campos Cusati; Raimunda Áurea Dias de Sousa. (Org.). **Experiências formativas em educação, saúde e ambiente na pós-graduação**: desafios, conquistas e perspectivas. Primeira edição. Bauru: Editora Ibero-Americana de Educação, 2022, v. 1, p. 81-93.